ALFREDO FRANÇA

PAINELEIDA

Edição de «A Peninsular» Lda, Rua da Vitória, 55, Lisboa.

ALFREDO FRANÇA

PAINELEIDA

TRÁGI-COMÉDIA

Com ilustrações
de
FRANCISCO VALENÇA
e
ALFREDO CÂNDIDO

DO AUTOR

Poema Rubro, esg.
A Imagem *(teatro)*, esg.
O Pagem *(plaquette)*, esg.

A SAIR:

Rainha de Leão *(tragédia histórica)*
Saudade das saudades *(versos)*

À Memória

de

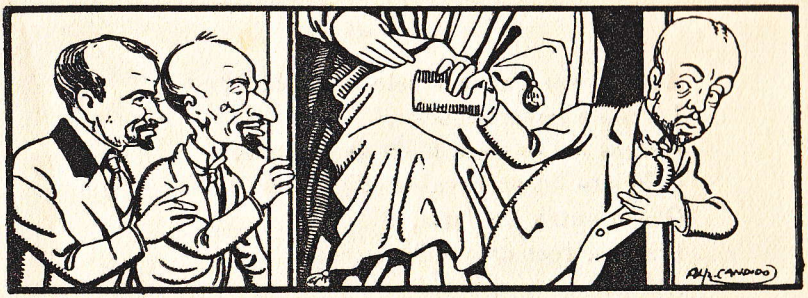
Nuno Gonçalves

Pintor e Mártir

Aos Senhores:

Acacio Leitão
Afonso de Dornelas
Afonso Lopes Vieira
Alfredo Leal
Alfredo Mota
Almada Negreiros
Elviro dos Santos
Henrique Loureiro
Jaime Cortesão
João Luís da Fonseca
José de Bragança
José de Figueiredo
José Saraiva
Luciano Freire
Matos Sequeira
Reinaldo dos Santos
Vergilio Correia

Como preito da maior consideração pelos seus trabalhos sôbre os paineis do Museu das Janelas Verdes.



INTRODUÇÃO

O Freire eu conheci-o,
Era um belo pintor cheio de brio,
Que a pintar madrugava.
Logo de manhã cêdo,
Punha-se a restaurar, de paleta no dedo,
Conforme o Figueiredo lhe indicava.
E assim que o grande esteta abria a porta,
Da sala onde pintava,
Ensaiando uma frase p'ra o correr,
Freire, de cara torta,
Dizia-lhe: — Que quere?
E o bom do Figueiredo,
Apesar disso entrava para vêr.

Figueiredo era um crítico afamado,
Malicioso, alegre e de saber.
Não tinha confiança no afirmado,
Nem meio de a obter.

Andava aos quadros pelo bric-à-brac,
Livre de impertinências,
Graças a Deus e à fé da sua claque.
O Freire desprezava as exigências
Que o outro lhe fazia,
Pintava, restaurava sàbiamente,
Até que ultimamente
O Freire disse um día:
—Nada, já não tem geito. Este ladrão
Dá cabo dos dois trípticos...
Qual seria a razão
Por que Deus fez os mestres mais os críticos?

E o Freire, no entretanto,
Honesto como um santo,
Mal o relógio repicava as seis,
Já êle andava de pincel na mão
Lavando as caiadelas dos paineis,
Desde o mais leve até o maior borrão.
E apesar disto o rude proletário,
O esplendido pintor,
Não quís ser director ao menos honorário.

Que grande tolo o bom restaurador!

Foi o quadro ao Museu,
E armando-o na moldura
O esteta concebeu:
—Isto é que é saber cousas de pintura.
Mas logo de manhã—hora mefítica,
Figueiredo inda em casa
Lê do Saraiva a desalmada crítica.
Ficou ardendo em brasa.

Agarra no Holanda,
Salta ao chão num instante,
E vê o Saraiva de chapeu à banda,
Escarranchado em cima do Infante!

Chegou a cousa a termo,
Que o bom do Figueiredo andava enfermo
Não falava nem ria
Mirrado por tão íntimo desgôsto.
E a pouca barba preta do seu rosto
Tornava-se-lhe branca dia a dia.
E foi tal a paixão, foi tal o mêdo,
(Muito embora o leitor não acredite)
Que o bom do Figueiredo,
Perdera o apetite.

Andando pelo Carmo certo dia,
Ouvindo a conferência do Loureiro,
Enxergou por acaso (que arrelia,
Que momento agoureiro)
Um grupo de seis críticos sorrindo
Do livro que escreveu.

E ao vê-los exclamou enfurecido:

—Êles querem-me o emprêgo apetecido,
Esse emprego é o que eu tenho no Museu,
Que é quem me dá o pão!
Transmitiu-se o pecado!
Se o Leal não pagou, estes mo pagarão...
É doutrina da Igreja, estou vingado.

E insultando-os a todos—pobresitos,
Soltava exclamações:
—É uma praga, malditos,
Dão-me cabo da fama estes ladrões.
Raios os partam! Gente miseranda!

E deixando o auditório espantado,
Continuava a lêr o seu Holanda
Bufando de danado.
Ia subindo a escada o pintor Nuno.
O seu negro e exótico barrete,
Aparecendo ali como importuno
Deu-lhe volta ao topete.
E, introduzindo a chave no portão,
Murmurava entre dentes:
— Como os paineis estão!...
Restaurados não são tão excelentes.

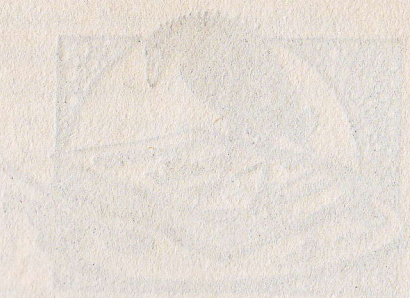
E nisto Nuno foi direito ao osso:
Para o limpar esteve-o esfregando
Co'uma escova d'arame muito grosso,
Em que punha água-rás de vez em quando.
E por fim viu tudo.

Partiu como uma frecha e louco e mudo
Correu tudo em profunda agitação,
Mas eis que solta de repente um grito,
Indo encontrar aquela alteração.

— Quem vos meteu aqui? O pobre ossito
Todo tremente murmurou então:
— Foi mestre Figueiredo. Quando veio
Chorei, chorei. Não qu'ria aqui ficar.
Ai que susto, que susto, êle é tão feio,
Tive-lhe tanto medo. Co'essa escova
Vê lá tu se me podes apagar.
Olha que isto é um negócio arrumado.
Vamos construir novos paineis
Noutro qualquer lugar.
Quem me dera de fresco estar pintado
Para borrar, borrar...

E Nuno, alucinado,
Clamou: — Senhor! Senhor!
É porventura crime ou é pecado
Que eu tenha muito amor áquilo que criei?
Ó Arte! Ó Arte! Ó Deus como consentes
Que se adultere assim o que eu pintei
Com ossos como pentes!
Quanta dôr, quanto amor e quanta tinta
Quanta noite perdida,
Nem eu sei.

E tudo, tudo em vão,
Quadros da minha vida,
Feitos co'a minha mão!
Não bastaria uma baixela inteira,
Não bastaria o Holbein para estragardes?
E tratam-vos assim desta maneira!
Cobardes!
O osso! o osso! Eis o restauro inf'liz!
O aguilhão que me está a espicaçar;
A relíquia emendar
E emendar a ideia com que a fiz.



O INFANTE — E rei de quê, de que país, dizei?...

A CONSPIRAÇÃO

Pela treva da noite, a horas mortas,
Na solidão claustral das salas frias
A que os guardas cerraram as mil portas,
Andam vozes longínquas, erradias,
Vozes d'além dos tumulos, soturnas
Como gritos terriveis de fantasmas
Perdidos entre pútridos miasmas
Nos arcânos fatais de negras furnas.
E entre o ruído cavo dos clamores
E o tilintar do ferro das espadas,
Pragueja a voz boçal dos pescadores,
Bramindo pragas vis e desbragadas.

Ó céus! que irá lá dentro?!...

Oscilam os paineis na treva funda,
Animam-se as figuras e a do centro,
Que uma auréola de luz envolve e inunda,

Dá um salto para o chão,
E erguendo ao céu com garbo a sua mão
Às outras clama em voz soturna e cava
Como a voz agoirenta do remorso:
— À lá fé de quem sou, eh! gente brava,
Aqui vos juro ao dar da meia noite
Que hei-de tirar de todos bom desforço.
Pois quê? não posso então já ser quem sou?
Ó divino fulgor que me consomes
E a quem em santo amor tôda me dou,
Dai-me alento e valor
P'ra que eu me desafronte, frente a frente,
De quem me chama nomes!
Chamar-me a mim Vicente
Como se eu fôsse um corvo! Ah não! Ah não!
Isto não fica assim...

(Ao Infante D. Henrique)

E vós, Henrique,
Que tendes a dizer?

O Infante

Direi que muito mal andou Gusmão
Em não saber prevêr tanto despique.
Verdade seja que êle em escrever
Nunca foi muito forte e tanto assim
Que nem o nome seu soube fazer;
Mas se acaso mo tem pedido a mim
Em cada um de vós punha um letreiro,
Que Gusmão bem devia calcular,
Que, sem lista ou roteiro,
Por mais que seja fino e tredo,
Não poderia mestre Figueiredo
Passado tanto tempo adivinhar.

A Figura Central

Dizeis bem, porque tendes um chapeu
Que fala como gente. Agora eu
E tantos mais p'ra aqui abandonados,
Filhos de pais incognitos, sem nome,
O que ha-de ser de nós?

O Arcebispo

O que a mim duramente me consome
É pensar que ficamos condenados
A voltar novamente a S. Vicente,
P'ra tornar a servir de passadeira
Áqueles brutamontes.

Afonso V

Tende calma e ouvi. Inda estou crente
Que entre tanta celeuma e tanta asneira
Venham a abrir-se novos horizontes.
Ah! sim. Que eu tenho uma fé cega,
Confio ainda e bem no meu colega.

O Judeu *(surpreendido)*

Colega ? Que dizeis?
Pois ignorais acaso que, afinal,
Depois de tanta glória, não ha reis
Já hoje em Portugal?

Afonso V

Mentis como um vilão, mestre Guedelha,
Que a um conheço-o eu e sei-lhe o nome,
Que uma vez em Pastrana libertou-me,
Sem combate travar e sem querelas,
Duma tapeçaria muito velha.

O Judeu

De quem falais, Senhor? De Afonso Ornelas?
Mas esse não é rei...

Afonso V

Não mo digais, vilão, que eu bem no sei,
É apenas capitão.
O meu colega
É Rei Naldo em quem tenho uma fé cega,
Amigo e meu irmão.

Todos

Rei Naldo!...

O Judeu

Horror!

O Arcebispo

Um rei desconhecido,
Que não anda na história nem na lenda...

Afonso V

Um rei, sim, que não foi jamais vencido...

O Infante

Rei sem bandeira e sem rodizio, um rei
Que ninguém sabe onde assentou a tenda
E rei de quê, de que país, dizei?...

Afonso V

De Pastrana. Pois quê? não sabeis nada?
Ignorais porventura que Rei Naldo
Numa guerra feroz e assinalada
Pastrana descobriu e conquistou?

O Infante

Ah! não, Senhor, alguém vos enganou:
Em Pastrana domina Rei d'Ornelas,
Porque êsse, afirmo eu à fé de Infante,
Êsse é que é rei e tem uma bandeira,
Por quem se bate em tôdas as querelas,
Com sua cruz vermelha e prazenteira,
Em campo branco muito bem talhada.
Assim como Rei Naldo me conhece
Pelo chapeu braguês d'aba amantada
Também identifico Rei d'Ornelas
Pelo pendão com que êle me aparece.

Afonso V

Enganosa ilusão, senhor infante!
Afonso não é rei. Mal o julgais
Por suas vestes d'oiro deslumbrante
Como trajos reais.

O Infante

É rei, confirmo aqui com arreganho
E às vossas iras eu não tenho medo...
Documentos que o provem não os tenho...

A Figura Central *(interrompendo)*

Mas também os não tem o Figueiredo
E afirma e jura sempre, Infante, que eu
Sou S. Vicente.

Gil Eanes

É scisma ou é mania...

O Petiz

Foi p'ra ali que lhe deu.

Um Frade *(entrando a correr, esbaforido, e trazendo uma lata de bolachas)*

Alvissaras, senhor! É Rei d'Ornelas...
Apar'ceu finalmente um documento,
Que termo põe a tôdas as querelas
Que se travam aqui neste momento.
Que cesse sem demora toda a bulha.
Afonso é Rei d'Ornelas. Eis a prova,
Eis uma marca nova
De preciosas bolachas da Pampulha,
Homenagem a Afonso, Rei d'Ornelas.

(Correm todos à lata)

Afonso V

Ah! perro vil, mentis. É um remendo!
Não foi jámais Afonso, Rei d'Ornelas,
Aquilo que estais vendo.
Afonso, sim, mas doutro é que se trata,
— Santo Afonso da Costa sem dalmática,
Sem corda e sem estola, feito em prata
Mas com culto entre a gente democrática.

Um Frade

Ponde termo à disputa sem demora
E vamos ao que importa.
Ha que voltar ao nicho antes da aurora
E antes que o guarda venha abrir a porta.

A Figura Central

Tendes razão, amigos. Tais disputas
Não devem perturbar a paz dos trípticos,
Nem temos que meter-nos nestas lutas
Que nós não somos críticos.

Um Cavaleiro

E então? que havemos de fazer, dizei-me?
Que desforços tirar, que desafrontas?

UM FRADE — Alvissaras, senhor! É Rei d'Ornelas...

Afonso V

Vo-lo direi azinha. Caso teime,
Eu aqui pedirei estritas contas
A mestre Figueiredo.
E se vós me ajudais, se o vosso braço
Não é sómente um simples arremedo
Do braço heroico dum fiel vassalo,
Já ali temos a prestes o baraço
Que nos há-de servir para amarrá-lo.

Um Cavaleiro

A tanto ousais, senhor? Pensais filhá-lo?

Afonso V

Pois certo, e então? Tremeis acaso?

Um Cavaleiro

Tremer, senhor, não treme um cavaleiro
Que nos cerros d'Alcácer e de Arzila
Por tantas vezes ao seu rei deu aso
A julgá-lo entre todos o primeiro.
Mas vêde bem, pensai, d'alma tranquila
Que mestre Figueiredo tem por si
Toda a grada peonagem de Rei Naldo
De Afonso de Muel, de Cortesão
E tanta gente mais que vem aqui,
Que está com êle e que lhe dá razão...

Afonso V

Quem vos pede conselho, cavaleiro?
Ouvi com calma e eu vos direi então:
Mal que a manhã romper, logo aos primeiros
Clarões do sol voltamos para os trípticos.
Depois virão os críticos

Que todos são aqui sempre frecheiros.
Deixai-os à vontade na contenda
Falar de Ceuta, Alcácer ou de Arzila
E que ninguém se mêta na baralha
E que ninguém se mova nem se ofenda
Por mais que dura ofensa esteja a ouvi-la,
Como se fossemos paineis de palha.

Azurara

Mercê vos peço, meu Senhor e rei,
Mas, se judeu me chamam, já vos digo
Que alguns nomes, e feios, também sei.

Afonso V

Acomodai-vos, Azurara amigo.

Azurara

Mercê mais uma vez,
Senhor, não poderei.
Por Deus vos juro, à fé dum português,
Que sou crístão de lei.

Afonso V

Calai-vos e ouvi, calai-vos sim,
Ou me enfureço em raiva,
Se acaso me tomais por Cortesão
E quereis presumir de Zé Saraiva.
Vós falareis no fim.
Também eu, Azurara, sou cristão
E muito na minh'alma pesaria
P'ra uma afronta vingar,
Vêr que um carrasco lívido viria
Armar polés ou pôtros
Onde um esteta fosse justiçado.

Eu estou esp'rançado
Em que êles se devorem uns aos outros.
E então a luta finda. Mas se não
Piedade não terei. De lado a lado
Com meu doirado estoque o coração
Três vezes há-de ser-lhe traspassado.
Mas é mestér guardar tôda a firmeza
De autênticas figuras de paineis.

(Ouvem-se passos fóra)

Oiço passos. São êles com certeza.
Aos tripticos.

(Recolhem-se todos aos tripticos)

Eh! lá! Não vos moveis.

CÁI UM TAPÊTE

O ATENTADO

(Bragança entra pé-ante-pé, munido de escápulas e dum martelo. Dirige-se aos paineis e tenta despregá-los. Á porta, Almada espreita, seguindo-lhe todos os movimentos).

Bragança

Há que arrumar a casa, mas sósinho
Não me aventuro a obra tão taluda,
Que as táboas pesam mais do que o azinho
E eu não sou homem p'ra fazer a muda.

(Olhando em volta)

E não surge ninguem. Ninguem me ajuda
A erguer um quadro, a despregar um prégo.
E há p'ra aí tanta gente que concorda
Co'a minha alteração.

(Senta-se no cadeiral e fica durante alguns momentos concentrado. Subitamente levanta-se).

Vou chamar um galego
Que até um galego, tendo ali a corda,
Me auxilia a fazer a arrumação,
Pois só quem fôr inteiramente pisco
Não vê que estou cheínho de razão.

(Quando vai para sair, a correr, esbarra com Almada, que se tem estendido no «parquet», onde desenha a maquette dum painel para a Brasileira).

Almada

Olha lá êsse risco!

(Trocam dois murros e Bragança sai)

Este alma do diabo
Vai co'a vista tão turva e já tão cega
Que quási me dá cabo
Do esboço do painel que eu concebia.

Nuno Gonçalves *(salientando-se no painel)*

Dizei-me, cavaleiro e meu colega:
É o grande esteta
Êsse outro que lá vai em correria?

Almada

Qual grande esteta, amigo, estais pateta!

Nuno Gonçalves

Pois perdoai-me então tê-lo julgado,
Porque qualquer decerto o julgaria
Ao vêr-vos acusá-lo, em gritaria,
Do painel que pintais ter estragado.

Figueiredo *(entrando seguido de Cortesão)*

Por aqui, Cortesão. Eis os paineis
De Nuno o grande artista sem rival
Que trazia na ponta dos pinceis
As rainhas e os reis de Portugal.

(Indicando as figuras dos paineis)

Ali Afonso quinto e o Regente
E mais além El-Rei D. João segundo
De mãos postas orando a S. Vicente.
Um repto daqui lanço a todo o mundo,
A Bragança, a Vergilio, a Loureiro,
A Leitão, a Leal, a Afonso Ornelas,
P'ra que se erga dentre êles o primeiro
Que venha aqui provar com documentos
Que outras figuras são e não aquelas
Ou que Nuno não foi o seu pintôr.
Acaso duvidais?

Cortesão

Nem por momentos
Emquanto a S. Vicente, mas não digo
Que tenha fé segura no autor.

Figueiredo

Devieis tê-la, Cortesão amigo.
Aproximai-vos, vêde, ali estão elas
As letras dum sinal quatrocentista
Bem traçadas, galantes e singelas.
Vêde, amigo, se tendes boa vista.

Cortesão *(examinando a bota com uma lente)*

Não vejo signa alguma.

Figueiredo

Então não lêdes
G V que significa Nuno e ao lado
Mais um rabisco muito bem traçado
Que quer' dizer Gonçalves, como vêdes?
Mas é espantoso, Cortesão amigo,
Como estas coisas eu decifro e ligo
Naturalmente, sem forçar a nota
E as não entende mais ninguem no mundo.

Cortesão *(examinando melhor)*

Amigo Figueiredo, isto é uma bota
Ou melhor, duas botas, se deixais.
Uma fê-la o pintôr e a outra, amigo,
E' a bota que vós dais.

Figueiredo

Tambem vós, Cortesão, entrais comigo,
Vendo signas a menos
E descobrindo então botas a mais?

O doido *(entrando a correr, desvairado, de olhos esgazeados)*

São hoje dois de Março! È Janeiro
De há dez anos. É Afonso de Muel
Mudando o três de Agosto p'ra Fev'reiro
E pondo num papel
País lilás, respiração de vaca...
E lá está ela à porta da barraca...
Então não se vê logo que é a Zidora,
Peixe por dentro,
Berbigão no centro,
Dalmática por fóra?

Cortesão

É doido, coitadinho. Está possesso
E salta alucinado como as corças!

(Aos guardas)

Vão chamar o Rei Naldo para o ver
E vistam-lhe a dalmática de forças.

O doido

Ah! cães, que isto é da gente enjuizecer!
Então não se vê logo que é a Zidora
Com um braço escondido e outro de fóra?

(Á porta aparece Saraiva, muito timido e encolhido)

Figueiredo *(irritado)*

Outro doido talvez, não querem vêr?...
Quem sois?

Saraiva *(timidamente)*

Um que se esfola e moi de raiva
Por não ser cortesão de S. Vícente,
Um crítico inocente
Eu sou o Zé Saraiva.

(Á porta surge Loureiro com o cardeal Alpedrinha debaixo do braço)

Figueiredo

E vós que vindes cá fazer? dizei.

Loureiro

Eu vinha cá trazer o Alpedrinha
Que é tio do Gusmão, irmão do rei,
Cunhado do Infante e da Rainha
E padrasto do velho das barbaças
Que além figura no segundo nivel,
Parente de mil raças
O mais atravessadas que é possível,

A vêr se lhe arranjava nos paineis
Ao menos um cantinho.
E vós quem sois, senhor, não mo dizeis?

Figueiredo *(muito digno)*

Dir-vo-lo-hei se acaso vos apraz.
Pai da arte e da crítica sobrinho,
Um homem sou, cuja palavra honrada
Jámais voltou atrás.

Loureiro

Já vejo então que assim não se faz nada...

Figueiredo

Ah! com certeza, amigo. O Alpedrinha
Já não tem cabimento nem lugar.
Tudo isto que aqui está é obra minha,
Não a posso esquecer nem desprezar.
Demais, vós bem sabeis, não é qualquer
Que em coisas d'arte dá o seu quinau.

Loureiro

Embora eu sinta e esteja mesmo a ver
Que isto por cá vai tudo muito mau
Confio que vos hei-de convencer...

Figueiredo

Mas quem pensais que eu sou?

Loureiro

Um homem tredo,
Um crítico sagaz,
O grande e horrível mestre Figueiredo,
No fundo bom rapaz. *(Pausa)*
Eu trago, mestre, muitos documentos,

E em rápidos momentos
Ao bispo dou mandado de despejo.
Quereis vêr os papeis em que me escudo?

Figueiredo

Ah! não. Não mos mostreis, porque os não vejo;
Em quadros e papeis eu já vi tudo.

Loureiro

Mas, mestre, vêde sempre, que é uma prova.

Figueiredo

Coisa alguma haverá que me demova,
E um conselho vos dou à puridade:
Se tendes outro oficio, não queirais
Vir tocar rabecão.

Loureiro

Insisto ainda mais:
Ó! mestre! vêde as provas da verdade
Que todas aqui estão na minha mão.

Figueiredo *(contrariado)*

Pois seja então! Venham então as provas,
Que sejam coisas novas
De crédito seguro e não somenos.

Loureiro *(apresentando-lhe o testamento do cardeal Alpedrinha)*

Ah! finalmente, mestre. Ei-las aqui.
Crêdes ou não?

Figueiredo

Agora que já vi
Agora então inda acredito menos!...

O Doido *(apontando as figuras dos paineis)*

Olha o Zé Mole ali co'a rêde às costas,
Olha o Santo coitado que até chora,

Olha tantos e tantos de mãos postas
A pedir que vocês se vão embora!
Ai! dos tristes varões, ai! das rainhas!
Ai! do infante, ai do bispo, ai! da Zidora!
Ai! das pobres figuras coitadinhas
Que por terem ouvido tanta asneira
Já estão com caras de quem vai lá fóra!
E a tinta que era dura
A tinta até já cheira!
Borraram a pintura!

Á porta aparece Afonso Ornelas. Atrás Rei Naldo disfarçado de Romeiro do «Frei Luís de Sousa».

Um Guarda *(a Figueiredo)*

Um romeiro que vem de longes terras
De Espanha, ao que parece, e traz recado
Para vos dar.

(Com ares de grande curiosidade aparecem á porta Vergilio, Sequeira e Fonseca)

Figueiredo

Pois dai-lhe gasalhado
E mais que precisar.

Afonso Ornelas

Diz que vem lá de terras de Pastrana
E só a vós tem coisas que contar.

Figueiredo

Falai, irmão, falai, se tendes gana.
Sois crítico talvez...

O Romeiro

Como os melhores.

Figueiredo

E vindes?...

O Romeiro

De Pastrana, meus senhores.

Figueiredo

E vistes os tapêtes?

O Romeiro

Não os vi,
Cheirei-os, apalpei-os, devorei-os,
Sobre êles me espojei, co'eles sofri
Ao vê-los todos de remendos cheios
E cheios de buracos e mazelas.

Figueiredo

Podeis contar comigo e com Ornelas.

O Romeiro (altivamente)

A Ornelas coisa alguma inda pedi.

Figueiredo

Perdoai, bom romeiro, se houve ofensa.

O Romeiro

Não há ofensa verdadeira, amigo,
Senão as que se fazem aos tapêtes
Que vos posso mostrar já sem detença
Que os trago aqui comigo.

Figueiredo

Dai-me antes o recado que trazeis,
Porque de certo haveis
Mestér de descansar.

O Romeiro

Hoje vo-lo darei. Há já dez dias
Que não durmo, nem cômo, sempre a andar
Em loucas, infindaveis correrias,
P'ra vos dar meu recado e emfim morrer,
Que assim jurei sôbre os tapêtes santos
Que a Pastrana fui vêr.

Figueiredo

E quem vos fez passar tormentos tantos?

O Romeiro

Um homem foi, homem honrado.

Figueiredo

O seu nome?...

O Romeiro

Jámais foi revelado,
Nunca o disse a ninguem lá de Pastrana.

Figueiredo

Mas, emfim, dizei vós...

O Romeiro

O seu recado
Escrito o trago aqui no coração
Há mais de uma semana...

Figueiredo

Pois falai, acabai, homem, então.

O Romeiro

Agora acabarei. Eu vou dizer
As palavras que ouvi: — Ide ao Museu
E dizei sem demora a Figueiredo,
Que no livro d'Arzila me esqueceu

A FIGURA CENTRAL — Eh! lá! Mofino! Ides saber agora
Quem são estas figuras dos paineis...

Meter tapeçarias
De que em Pastrana ninguem faz segredo
E onde o Infante se vê todos os dias.

Figueiredo (*aflitivamente*)

Piedade, senhor! E êsse infante era...
Era quem? Um cativo?

Romeiro

Era um infante que apanharam vivo
E que ali como um bravo se batera!...

Figueiredo

Era então um cativo da batalha...

Romeiro (*interrompendo*)

De Ceuta, amigo.

Figueiredo

Ai Deus! Que Deus me valha!
Que torturas terriveis e crueis!
E a terra que não se abre e não me traga,
Nem me cáem em cima êstes paineis.

Cortesão

Calai-vos, Figueiredo, que eu duvido
E uma divina inspiração me afaga.
(Ao Romeiro)
Estais bem certo disso ter ouvido?
O Infante conheceis?

Romeiro

Come se eu fôra.

Cortesão

Se o vireis, inda mesmo que pintado,
De maneira dif'rente apresentado

E aparentando inda não ser tão velho,
Ereis capaz de o conhecer agora?

Romeiro

Como se a mim me visse num espelho.

Cortesão

Pois vêde lá nêstes paineis então
Se entre tantos retratos o encontrais.

Romeiro *(sem procurar e apontando logo para a Figura Central)*

É aquele.

Figueiredo

Ah! Cortesão! Ah! Cortesão!
Ninguem nos acredita nunca mais!
Ai que estamos perdidos, Cortesão,
E jámais esta vida nos convém!
Jámais...

(Foge espavorido e neste gritar. Seguem-no alguns).

Cortesão

Romeiro, quem és tu?

Romeiro *(apontando com o bordão para Afonso Ornelas.)*

Ninguem!

(Saem todos de tropel. Curto silêncio)

O Cavaleiro da armadura *(cautelosamente deitando a cabeça de fóra e espreitando para a porta)*

Lá se escapou... E agora que fazer?

A Figura Central

Aguardar com firmeza que êle volte,
Porque tem de morrer
Inda que os gritos mais terriveis solte.

(Ouvem-se passos fóra. Entram um momento depois Vergílio, Leal, Sequeira, Bragança e Mota.)

Loureiro

É ela, é ela, é Santa Catarina...

Leal

Tem razão, tem razão,
Aquela linda cara de menina
Com certeza não é dum latagão.

Sequeira (*intencionalmente*)

E a vara, o pau não tem explicação?

Vergílio

Do pau nada direi sem documentos,
Mas se é de São Vicente que se trata,
Como quer' Figueiredo e eu não me fio,
Aposto já dois tentos,
Não é pau com que o Santo nalguem bata
Mas apenas um mastro do navio.

Sequeira

Não creio que entre tanto cavaleiro
Que o acompanha e que lhe segue o rastro,
O santo padroeiro
Se mostre ás gentes agarrado ao mastro.

Vergílio

Razão tereis, talvez, Sequeira amigo,
Em vossos assisados pensamentos;
Por isso eu desde ha muito sempre digo
Que quero documentos.

O Doido *(entrando, sempre desvairado)*

Olha mais gente nova! Olha o Sequeira
Que um dia me internou em Rilhafoles
E o Vergílio co'o Mota à sua beira
Todos pais das Zidoras, dos Zé-Moles.

(Ouvem-se novamente os gritos de jámais! jàmais! *Correm todos para fóra menos Vergílio, que fica folheando documentos.)*

A Figura Central *(sem se mover).*

Vergílio amigo! Ó dos papeis! Poeta!

Vergílio *(surpreendido, olhando em volta.)*

Quem fala! Quem me chama?

A Figura Central

A voz discreta
Da figura central dêstes paineis.
Vergílio sois, pois não?

Vergilio *(estupefacto)*

Vergilio sou...
Mas que mão, mas que mão vos despertou?
Assombro dos assombros! Que quereis?

A Figura Central

Já que junto de mim vos demorastes
Uma coisa vos peço me façais:
Que os criticos guieis como guiastes
Um dia o Dante aos circ'los infernais!
Que em tormentos andamos quasi ha um ano
E nós, Vergílio, não podemos mais!

Vergílio

Eu vos peço mercê, mas há um engano;
Outro Vergílio sou bem mais moderno,
Que coisa alguma sabe dos caminhos,
Dos escuros, dos atros torvelinhos
Que levam ao inferno
E não tenho papeis a que me acoite...

A Figura Central

Por Deus, então calai-vos...

Vergílio

Bôa noite. *(Sái)*

A Figura Central

E Figueiredo agora que se afoite
A vir aqui sósinho!

Longo silêncio. Momentos depois Figueiredo aparece à porta. Debaixo do braço o livro de Francisco de Holanda; na mão uma grande lente. Aproximando-se do painel do Infante D. Henrique começa a examinar minuciosamente a bota de Afonso V. Curvado como está, não se apercebe do que se passa à sua volta e por cima da sua cabeça. As figuras, a um gesto da Figura Central, precipitam-se dos paineis, caíndo sôbre Figueiredo. Os cavaleiros subjugam-no, envolvendo-o na rêde dos pescadores.

A Figura Central *(a Figueiredo)*

Eh! lá! Mofino! Ides saber agora
Quem são estas figuras dos paineis!...

Finalmente! Chegou a nossa hora!
Chamai-me agora nomes se quereis.
Então era sómente
Sem respeito nenhum, sem compostura
Chamar-me S. Vicente...
Ah! não. Não pode ser. A pena é dura,
Mas tem de se cumprir
Inexoravelmente.

(Ás figuras)

Aprestai o baraço sem demora
E as portas encerrai p'ra não se ouvir
Clamor algum lá fóra.
Que de vós, cavaleiros, o mais moço,
Despindo um braço, avance um passo em frente.
E vós, frei-guardião, trazei o osso.

Figueiredo

Mercê vos peço, nobre cavalheiro,
Mas não quero morrer impenitente!
Quantos nomes vos pus todos retiro,
Mas antes de eu morrer chamai primeiro
A monsenhor Elviro.
Eu quero confessar o meu pecado,
Que nest' hora a verdade não a nego.
Eu fui atraiçoado
Por Francisco d'Holanda a quem renego.

A Figura Central *(a Figueiredo)*

Nem mais uma palavra. Abri a bôca
Donde a injuria jorrava em furia louca,

(Ao Cavaleiro)

E vós Dom Cavaleiro
E vós tomai o osso,

E num rápido golpe bem certeiro
Enfiai-lho até meio do pescoço.

Enquanto o Cavaleiro, auxiliado pelo judeu e pelos pescadores, procede à execução, as restantes figuras entôam lugubremente como uma litania:

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrey,
Seis quadros encontrara
Seis quadros encontrey,
Para êles andara
Para êles andei,
Lhorando os limpara
Lhorando os limpey.
Logo os restaurara
Logo os restaurey,
Quem los mal tratara
Sujeita-se à lei.

CÁI OUTRO TAPÊTE

Acabou de se imprimir nas oficinas da Imprensa Limitada
aos 10 de Abril de 1926

EDIÇÕES DE A PENINSULAR, L.DA

Os Esquecidos

Leite Bastos • Costa Alegre • Heliodoro Salgado • «Beldemónio» Fernando Leal • O «velho Gervásio» • José Duro • Ernesto da Silva • Moniz Barreto • João Clímaco • Eduardo Pinto • José Newton • Alfredo Serrano • Manuel Cardia • Felizardo de Lima • Nunes Claro • Guilherme Braga • Eduardo Perez Martins Figueira e Silva Pinto, por *Mayer Garção*, exemplares numerados, 10$00; edição vulgar ... ... 6$00

A Paisagem na Obra de Camilo e de Eça

Com a reprodução «fac-simile» de uma carta do autor do Amor de Perdição, por *Bourbon e Meneses* ... ... 8$00

Diamantes Negros

Poemas de *Eduardo Metzner*, com um artigo-prefácio de *Bourbon e Meneses* ... ... 5$00

No Leilão Ameal

Crónicas bibliográficas de *Matos Sequeira*, desenhos de *Alberto Sousa* ... ... 10$00

Menino

Poema em prosa de *Bourbon e Meneses* (último milhar) ... 6$00

Rua da Vitória, 55 — Lisboa

Telefone 3700-C.